
MÓDULO 9

FORMAÇÃO DE FAMILIARES E FORMAÇÃO DIALÓGICA DE PROFESSORES

Formação em Comunidades de Aprendizagem



ÍNDICE

MÓDULO 9 • FORMAÇÃO DE FAMILIARES E FORMAÇÃO DIALÓGICA DE PROFESSORES

9.1 Formação de familiares	2
9.2 Formação dialógica de professores	6
9.3 Bibliografia	11

9. Formação de familiares e formação dialógica de professores

Numa sociedade da informação, a educação das crianças avança significativamente se todos os agentes educativos também melhorarem a sua própria formação. Esta unidade apresenta duas Ações Educativas de Sucesso: Formação de Familiares e Formação Dialógica de Professores. Apesar da enorme importância das famílias na educação das crianças, a formação dos agentes educativos foi, tradicional e exclusivamente, oferecida ao pessoal docente, de modo que os professores foram os únicos beneficiários. A maioria da pesquisa concentrou-se na análise da formação de professores, sem prestar atenção à formação das famílias e outros membros da comunidade. A Formação de Familiares melhora as competências e a consciência dos adultos que convivem com os alunos no dia-a-dia, tendo, portanto, um impacto relevante na aprendizagem dos seus filhos. Por outro lado, do ponto de vista dos professores, incluindo a comunidade nos espaços de formação através da Formação Dialógica, dá-lhes a oportunidade de atualizar o seu conhecimento, em teorias e investigações educativas mais relevantes.

9.1 Formação de familiares

Com frequência ouve-se que o sucesso escolar depende do nível académico dos pais: alunos cujos pais têm formação universitária revelam maior probabilidade de irem para a universidade e de obterem graus académicos elevados. No entanto, tais relações estatísticas entre os antecedentes académicos dos pais e os resultados académicos dos filhos não estabelecem qualquer tipo de causalidade nem são decisivos.

Se as escolas apoiarem a igualdade e não a desigualdade, as gerações superarão os níveis educativos tradicionais, para que aqueles que enfrentam a maioria dos desafios, em última análise, terem igual acesso à universidade. Sabe-se agora que a relação entre os graus académicos dos pais e o sucesso educativo dos seus filhos pode ser alterada e que todos os pais, independentemente do nível académico que possam ter, podem aspirar a que os seus filhos frequentem as melhores universidades do mundo. As pesquisas mostraram que, o que surte efeito na aprendizagem dos seus filhos, mais do que o nível de educação das famílias é o tipo de atividades e formação em que participam. Por esta razão, uma Ação Educativa de Sucesso consiste precisamente na formação de membros da família, reunindo e facilitando a formação das famílias nos conteúdos e competências que eles escolhem, priorizando a formação instrumental.

Mas, de novo, é necessário esclarecer o tipo da Formação de Familiares e distingui-lo de algumas práticas. De facto, nos últimos anos tem sido frequente a realização de "escolas de pais", que geralmente consistem em conversas de "especialistas" sobre questões relativas à educação dos filhos (alimentação, disciplina, etc.). Embora se estabeleça um espaço de intercâmbio e debate, a premissa subjacente a tais sessões é a do "especialista", que sugere aos pais as melhores formas de educar os filhos. Estes tipos de atividades não são considerados na Formação de Familiares. Tampouco, os programas de formação concebidos pelos professores, com base nas suas próprias opiniões, que não considerem as exigências e necessidades dos participantes.

A Ação Educativa de Sucesso, Formação de Familiares, pressupõe que são eles (mães, pais, tias, tios, avós, etc.) que decidem o que precisam de aprender, quando e como se organizam. As famílias juntam-se, auscultam as suas necessidades, estudam as possibilidades de iniciar a formação, fazem o cronograma dos dias em que acontecerá, etc. São as próprias famílias que dialogam e decidem a formação que querem fazer e as condições em que serão realizadas. Por exemplo, numa Comunidade de Aprendizagem, as mães árabes estavam interessadas em aulas de alfabetização e, após o debate, decidiram que as aulas eram para mulheres mas deveria ser organizado outro grupo para homens, também.

É possível superar desigualdades sociais promovendo a educação das famílias e demonstrando que o ambiente familiar também pode ser transformado. (INCLUD-ED, 2011:73).

Tipos de atividades

As atividades de formação podem ser muito variadas. No entanto, é aconselhável - e as famílias preferem - que visem melhorar competências e conhecimentos úteis e necessários na sociedade de hoje, o que lhes dará a possibilidade de ajudar os seus filhos com os trabalhos de casa, a ler em conjunto, a aconselhá-los sobre temas académicos, etc. De facto, uma das motivações mais comuns para o envolvimento neste tipo de formação reside no desejo de poder ajudar os filhos nas atividades ou, em geral, no seu processo de aprendizagem.

Tertúlias Literárias Dialógicas (Módulo 7): Os membros da comunidade, de origens muito diversificadas (cultura, nacionalidade, religião, crenças, estilo de vida, idade, educação, etc.), partilham o diálogo, criam reflexões críticas e conhecimento sobre uma obra clássica da literatura universal. Assim, pessoas que nunca tinham lido estes livros, demonstram uma grande sensação de satisfação e entusiasmo. Os exemplos da literatura universal incluem obras de James Joyce, Cortázar e Safo e títulos como “As mil e uma noites”, “A Ramayana” e “A Odisseia”.

Tecnologias da Informação e da Comunicação: Normalmente, os familiares organizam cursos sobre programas específicos de computador, como Word e Excel, ou o uso de plataformas sociais como o Twitter. Em certos casos, familiares e alunos podem trabalhar juntos, para que se possam apoiar, no uso desses programas e ferramentas.

Línguas: Nas escolas em que há imigrantes, as famílias podem optar por aprender a língua do país onde vivem. Além de adquirirem uma ferramenta-chave para participarem na aprendizagem dos seus filhos, essas competências proporcionam maiores oportunidades sociais e económicas. Noutros casos, as famílias escolhem formação em línguas estrangeiras, como inglês ou francês.

Alfabetização: Em escolas com famílias que não leem nem escrevem, a formação em alfabetização é sem dúvida uma prioridade. Existe uma variedade de opções de atividades abertas às Campanhas de Alfabetização. Por exemplo, numa escola onde havia uma maioria de mulheres marroquinas, criou-se um grupo de mulheres que participam e têm um espaço para aprender, partilhar e discutir as questões que lhes interessam, melhorando a sua alfabetização.

Matemáticas: Algumas famílias têm dificuldade em ajudar os filhos, em matemática. Com esta finalidade, a formação em matemática é prioritária.

Uma experiência de aulas de alfabetização

"A escola de Lucia, já há algum tempo, organizou aulas de alfabetização para mulheres com uma participação tão grande, que o grupo teve que se dividir em dois. Muitas dessas mulheres não só aprenderam a ler e escrever como começaram, imediatamente, a participar nas Tertúlias Literárias Dialógicas" (Racionero, Ortega, García, & Flecha, 2012:141).

Benefícios da formação de familiares

A Formação de Familiares beneficia os adultos que participam diretamente, bem como os seus filhos e a comunidade, combatendo as desigualdades educativas e sociais.

Para os adultos que participam, a formação proporciona conhecimentos e competências que podem ser aplicados em todas as esferas da vida: pessoal, familiar e social. Aprender a ler, melhorar as competências linguísticas e aprender a usar a internet, por exemplo, são realizações pessoais gratificantes, que são facilmente transpostas para a vida diária. Esse progresso também contribui para uma maior autoestima e autoconfiança, aumentando assim a capacidade de participar em discussões e debates. Uma maior formação académica abre novas oportunidades no mercado de trabalho. Por exemplo, as famílias de uma determinada escola decidiram fazer formação para obterem o Certificado de Conclusão do Ensino Secundário, no sentido da qualificação os ajudar a acederem a melhores postos de trabalho.

Por sua vez, os adultos transmitem aos filhos a sua satisfação e interesse, pelo que estão a aprender e pela educação em geral, e têm mais possibilidades de os ajudar no trabalho escolar, de questionar sobre as atividades ou partilhar atividades e momentos de trabalho em casa. Desta forma, as crianças mudam a visão que tinham dos seus familiares, passando a olhá-los como pessoas a quem podem colocar as suas dúvidas, com as quais podem partilhar a sua aprendizagem. Tudo isto serve para tornar o processo de aprendizagem mais significativo.

A Formação de Familiares também altera os relacionamentos entre a escola e a comunidade. Os relacionamentos entre a escola e as famílias são reforçados, criando maior significado para os alunos quanto à motivação para progredir e o seu esforço em frequentar a escola, todos os dias. Este relacionamento mais próximo também tem influência nas expectativas dos familiares em relação ao futuro dos seus filhos. A participação em atividades de formação resulta em mais confiança, vínculos mais fortes entre as famílias, os professores e a escola, aumentando também a compreensão mútua e a tolerância. Além disso, as expectativas das famílias e das crianças crescem, motivando-as a continuarem os seus estudos.

Neste sentido, os resultados obtidos pelos alunos melhoram significativamente nas escolas onde a Formação de Familiares é implementada, devido ao seguinte:

- Aumento de recursos humanos disponíveis para a aprendizagem dos alunos;
- Aumento do nível de educação/formação das famílias;
- Aumento da participação nos espaços educativos, para além das áreas da escola;
- Mudança de atitude das famílias em relação à escola e às atividades que são realizadas (relação escola/família), que afetam a coesão social entre famílias locais e imigrantes, criando a imagem de uma escola que serve a comunidade.

Um exemplo da influência da Formação de Familiares sobre o desempenho académico

"Quando Karim começou o 3º ano do ensino básico, ele não conseguia ler nem escrever. Tinha chegado a Terrassa no ano anterior. Ele fez novos amigos na escola nova e aprendeu a falar rapidamente, mas tinha pouco interesse em estudar e foi difícil. Uma manhã, pouco antes de começar a aula, o professor encontrou-o a ler um livro de ciências. Após um ano e meio desde a chegada ao bairro, a sua mãe, Farida, inscreveu-se nas aulas de alfabetização. Ela tomou a iniciativa para frequentar a escola do filho, para aprender. Essa mudança causou uma transformação ainda mais profunda: ajudou Karim a ter vontade de aprender. Agora está encantado por ver a mãe na sua escola e sempre que Farida vai à aula, ele diz-lhe: "Vamos, mãe, leva a tua pasta e vamos para a escola". À tarde, quando Karim vai para casa, fazem os trabalhos de casa e leem juntos os contos, que Karim requisita na biblioteca. Ele está ciente de que ela gosta e que assim aprendem mais.

Ortega, S. (2011). Leyendo juntos. Suplemento Escuela, 2, 7-8.

O seguinte excerto de Arantza Pomares Zulueta, coordenadora da Comunidade de Aprendizagem CPOM Sansomendi, faz um resumo conciso.

Uma experiência de Formação de Familiares no CPI Sansomendi

[...] À medida que os anos passam, a formação é cada vez mais extensa, abrangendo todas as necessidades educativas das famílias, os seus interesses e solicitações. As famílias sentem que podem participar nas atividades de formação propostas pela escola. As famílias recebem cursos de informática, obtêm o Certificado do Ensino Secundário, estudam alfabetização, espanhol para estrangeiros, cerâmica e participam de Tertúlias Literárias Dialógicas, durante o horário escolar e gratuitamente.

A participação ativa nesses cursos cria, nas famílias, o sentimento de que a escola é de todos, transforma positivamente a relação comunidade/escola e o envolvimento que tem nos processos educativos e na aprendizagem das crianças.

Pomares, A. (2011). Familias en el CPI Sansomendi. De las dificultades a las posibilidades. Suplemento *Escuela*, 3, 5-7.

9.2 Formação dialógica de professores

Os professores e educadores de todos os níveis de ensino implementam Ações Educativas de Sucesso, em Comunidades de Aprendizagem, que proporcionam as melhores oportunidades a cada criança, adolescente ou adulto, na sua sala de aula. Também desenvolvem com rigor ético, o seu próprio profissionalismo, através da participação em formação contínua de qualidade. Essa formação é feita através do diálogo, de acordo com as melhores práticas de formação do corpo docente, a nível internacional.

Formação dialógica: O que é imprescindível?

As Comunidades de Aprendizagem são baseadas em propostas resultantes de estudos aprofundados, realizados pela comunidade científica internacional. Como mencionado no Módulo 1, a comunidade científica internacional está presente nas principais revistas científicas, programas internacionais de pesquisa (como o Programa FRAME na Europa) e envolve as melhores universidades do mundo. A comunidade científica internacional não é formada por pessoas da imprensa popular, da TV, do Google, nem são pessoas que fazem comentários pessoais ou humorísticos. Embora seja verdade que a imprensa desempenha funções muito importantes nas sociedades democráticas, não é, nem deveria ser, um modelo científico de conhecimento. Não se pode presumir que o sistema educativo de um determinado país seja como é mostrado, por exemplo, num documentário da televisão. Da mesma forma, a formação dos colaboradores não pode ser baseada em revistas de imprensa, embora, lamentavelmente, em algumas escolas, essa prática ainda ocorra. Se os médicos fossem especializados no tratamento do cancro com base em notícias, seria inaceitável. As famílias são livres de fazerem escolhas pessoais sobre a melhor forma de educar os seus filhos, mas ninguém deve considerar as suas opiniões pessoais como conhecimento cientificamente válido, na educação dos filhos dos outros.

Os professores têm o dever de incluir na sua formação esta atualização do conhecimento científico, da mesma forma que esperamos que o médico, que cuida de nós, não parou de se atualizar desde que se formou na universidade. Quando a formação de professores se limita a atividades aleatórias e não científicas, o seu papel é subutilizado e as consequências da falta de rigor na vida dos jovens é a perda de oportunidades positivas.

A manutenção de uma base científica também permite que o pessoal docente descreva as suas práticas de forma mais eficaz, no diálogo com as famílias, com os inspetores, com a

administração local, com as universidades e com os alunos. Sem base em provas científicas, o diálogo continua a ser o caso de uma opinião contra a outra. Quando acompanhadas de provas, as famílias são capazes de compreender e avaliar por si mesmas as práticas de ensino e, frequentemente apreciam a oportunidade de expandir os seus conhecimentos sobre educação, pois querem a melhor educação para os seus filhos.

Também é uma oportunidade para os que falam sobre educação se questionarem sobre as teorias e fundamentos em que baseiam as suas propostas, e de que modo isso é validado pela comunidade científica internacional. Nas negociações de formação sobre Comunidades de Aprendizagem, de facto, cada vez mais pessoas (professores e famílias) procuram informações sobre as ações que estão a ser feitas, em bases de dados na internet ou diretamente em revistas científicas.

É certo que os professores devem estar atentos às melhores teorias educativas. Como tal, também é verdade que devemos esclarecer o que é uma teoria e o que não é. Infelizmente, a teoria é frequentemente associada a mensagens vazias para a prática. Isto é falso. A teoria fornece conhecimento. Os melhores autores em educação são aqueles que estão regularmente na sala de aula e nela possam refletir melhor, rever, pesquisar e progredir. Investigadores internacionais como Gordon Wells, Courtney Cazden da Universidade de Harvard ou a professora Linda Hargreaves, da Universidade de Cambridge, por exemplo, aproveitaram as suas visitas a Espanha, para participarem em Comunidades de Aprendizagem, para relacionarem os Grupos Interativos ou as Tertúlias Literárias Dialógicas com as suas próprias realidades, pesquisas e contribuições teóricas.

Se os professores desejam melhorar a teoria subjacente às suas práticas de ensino, devem ler e atualizar-se. Uma vez que a vida atual, muitas vezes, torna isso difícil, convém escolher textos, que os beneficiem. Vale sempre a pena ler autores proeminentes, como Vygotsky e Freire, ou o trabalho de pesquisadores modernos, como Bruner e Habermas. Assim, os profissionais de ensino colocam-se, como costumava dizer Robert Merton, "*sobre os ombros dos gigantes*". Também se pode selecionar textos de outras áreas. Por exemplo, se houver interesse por questões de género, escritoras feministas como Judith Butler ou Lidia Puigvert são opções de leitura. Além disso, Butler tem um conhecimento profundo das Comunidades de Aprendizagem.

Outro aspeto essencial, na formação de professores em Comunidades de Aprendizagem, é garantir que as Ações Educativas de Sucesso sejam implementadas em todas as escolas, de acordo com a atual consciencialização, para que se perceba como se podem alcançar os melhores resultados. O sítio oficial das Comunidades de Aprendizagem <http://utopiadream.info/ca/> descreve, detalhadamente, as Comunidades de Aprendizagem que estão a realizar Ações Educativas de Sucesso, bem como os nomes dos orientadores que se formaram, segundo os princípios e bases científicas do projeto. A implementação dessas AES deve ser analisada a partir das teorias e pesquisas em que se baseiam (por exemplo, como aplicam os princípios da Aprendizagem Dialógica em Grupos Interativos).

As informações disponíveis na Internet podem ser facilmente consultadas, atualizadas e convertidas em temas de conversa nas escolas. Aprender depende das interações, o que inclui a equipa a aprender, também. Portanto, uma formação contínua é assegurada através da dinâmica de comentários, reflexões, perguntas e partilha de informações, como nos exemplos seguintes:

- Dois professores foram para uma cidade próxima, com duas mães, para falarem sobre as suas escolas com outra Comunidade de Aprendizagem, e estabelecerem um diálogo gratificante. No dia seguinte, devem partilhar os comentários feitos pelas duas mães e as pessoas da outra escola, sem esquecer as questões colocadas pelos ouvintes. Tudo isto é formação contínua, em forma de conversa, que alimenta a emoção do projeto e promove novas transformações.
- Vários professores liam o livro “Educação e Democracia” de John Dewey, para uma Tertúlia Pedagógica Dialógica. Quando se encontraram, à hora de almoço, na véspera, surgiu nas notícias um debate público, sobre as políticas educativas da atualidade e, claro, não puderam participar, mas compararam essas notícias com o livro que estavam a ler e falaram sobre isso. No dia seguinte, a tertúlia foi muito mais intensa e rica em argumentos.
- Twitter, Facebook e outras plataformas estão continuamente a atualizar, fornecendo informações e resultados, em tempo real, das várias Comunidades de Aprendizagem. Há pessoas que não só partilham opiniões e materiais com centenas de seguidores, mas também animam conversas de corredor, desde as boas vindas à conversa da hora de almoço.

Essas conversas encorajam os professores a refletir sobre a sua prática de Ações Educativas de Sucesso. De facto, os professores preocupam-se, refletem e conversam sobre as suas práticas, umas vezes com alívio, outras vezes procurando soluções. Mas se essa reflexão é feita sem ter como modelo-chave as ações que melhoram os resultados e a convivência, isso traduz-se em ideias aleatórias e gera fracasso. A melhoria só pode resultar de Ações Educativas de Sucesso fundamentadas e da reflexão sobre a prática.

Também é essencial que a formação de professores inclua saber praticar o diálogo igualitário com as famílias, com outros professores e com os alunos. Tradicionalmente, o pessoal docente, como acontece com outros grupos profissionais, estabelece a comunicação com as famílias, partindo de uma posição não igualitária, com o estatuto de "especialista" (ainda mais com famílias não-académicas). No entanto, manter o rigor profissional, para melhorar a educação, requer um diálogo mais igualitário que não se baseie no poder, mas em abordagens com ações comunicativas dialógicas (Soler & Flecha, 2010). O processo de diálogo igualitário em comissões mistas, assembleias e salas de aula onde pessoas de diferentes contextos e formas de pensar trabalham em conjunto, requer um desenvolvimento diário de competências.

Um exemplo de formação conjunta para professores e familiares

"Todos os grupos estavam abertos a voluntários e outros funcionários, como o enfermeiro ou o cozinheiro. É claro que a única maneira de conseguir a transformação desejada era envolver qualquer pessoa, que tivesse algum tipo de relacionamento com os alunos e suas famílias. Os debates seriam muito mais gratificantes se a formação fosse aberta a pessoas de diferentes origens.

Além disso, a pesquisa científica provou que a formação de adultos que se relaciona com crianças, de forma não profissional, como é o caso de familiares e amigos, é muito mais produtiva do ponto de vista da melhoria da aprendizagem e do desempenho escolar do que a formação de professores. Todas as pessoas devem ser incluídas na formação” (Racionero et al., 2012).

O diálogo igualitário também está relacionado com outro aspeto-chave, o de nunca desacreditar os valores da comunidade ou marginalizar os grupos vulneráveis. Os valores dos professores não são melhores ou piores do que os do resto da comunidade. Frequentemente, de forma inconsciente, o professor está convencido de que tem a melhor maneira de ver certas coisas e tenta impor valores arbitrários, usando o seu estatuto. Esse tipo de comportamento é bastante comum também em relação a aspetos de género, por exemplo. Alguns professores acreditam que têm valores mais feministas ou mais liberais do que as mães e as famílias com quem trabalham e que, portanto, devem promover uma cultura de "libertação".

Um grupo de alfabetização apenas para mulheres...?

Um grupo de mães do Magrebe, numa escola, deseja criar um grupo de alfabetização. Claro que seria apenas para mulheres. Elas não querem homens no mesmo espaço. Entre os professores, alguns estão contra isso, pois consideram que isso significa permitir uma prática baseada na desigualdade entre homens e mulheres. Para os professores que não concordam, deve ser uma condição estabelecer um grupo misto de literacia porque isso também serviria para "superar" valores desatualizados, com base em tradições machistas.

Outros professores mostram que os que estão a querer impor essa atividade mista reivindicam saídas de amigos à noite, vão para festas de solteiro ou não têm parceiros comuns. Fazer uma Formação de Familiares, segundo o que elas decidem é o que irá promover o sucesso e, em qualquer caso, não exclui a possibilidade de realizar outras atividades, mistas ou não mistas. Ao fim de algum tempo, algumas mães do Magrebe que começaram na alfabetização, entraram no voluntariado dos Grupos Interativos, participaram nas comissões mistas e uma foi eleita para o Conselho Geral. Não são mulheres submissas ou passivas, defendem o seu direito à educação e à educação dos seus filhos, tomam as suas decisões pessoais ou coletivas, sem prejudicar as demais. O consenso é possível.

A Formação Dialógica de Professores em Comunidades de Aprendizagem deve ser avaliada em termos de impacto sobre a melhoria dos resultados, os contributos, a atualização do conhecimento e como contribuiu para melhorar práticas que, por sua vez, aumentam todos os tipos de resultados (convivência, valores, sentimentos, aprendizagem instrumental). A avaliação baseada estritamente no nível de satisfação dos professores que frequentam as sessões evita o propósito final dessa formação e, às vezes, valoriza mais quem sabe fazer mais piadas ou sabe fazer mais dinâmicas de grupo. As escolas, as direções e os responsáveis pela formação podem introduzir perguntas, nos questionários de avaliação, que façam a avaliação da formação coincidir, cada vez mais, com a melhoria dos resultados.

Aspetos que melhoram a formação de professores

Seguindo o mesmo formato das tertúlias literárias de arte, da matemática, etc., as Tertúlias Pedagógicas aproximam os professores e as famílias, de forma mais direta e profunda, das bases teóricas e científicas, das Ações Educativas de Sucesso. Equipas formadas por uma diversidade de pessoas, envolvidas na educação das crianças, particularmente professores, diretores, orientadores e assim por diante, leem juntos os livros mais relevantes, a nível internacional recorrendo, sempre, às fontes originais.

Estas práticas acima mencionadas, também conhecidas como "seminários com o livro na mão", servem para evitar uma prática atual na educação, que é discutir e escrever sobre temas que nem sequer foram lidos, dando origem a falsas interpretações acerca das contribuições teóricas e ideias controversas sobre as práticas educativas. Neste caso, a construção coletiva do conhecimento baseia-se no diálogo igualitário sobre a leitura, em que o número da página e o parágrafo são sempre referidos nos comentários, crítica ou análise.

Através da leitura dialógica, são descobertas as ações educativas que atualmente geram maior sucesso e equidade. Este exercício de leitura partilhada permite aos professores a oportunidade de discutir sobre as práticas educativas recorrendo sempre a evidências e às fontes originais.

Quando a formação parte de uma visão dialógica, o conhecimento aparece como resultado de um diálogo igualitário e das interações entre os membros do grupo que participam da formação. As reflexões combinadas permitem a incorporação de diferentes pontos de vista, conhecimentos e modelos apresentados com raciocínio. Assim, todos os participantes no processo de formação geram uma maior compreensão intersubjetiva do tópico em discussão. Este processo de compreensão permite combinar a teoria com a prática, criando estratégias e competências úteis para a prática do ensino. *"A dialética entre prática e teoria deve ser plenamente vivenciada nos contextos teóricos da formação, para procurar a razão de ser das coisas. A formação contínua como reflexão crítica da prática baseia-se nesta dialética entre a prática e a teoria"* (Freire, 1994).

A leitura dialógica permite, através da interação com o texto, a conexão da teoria com a prática no dia-a-dia da escola. Ao mesmo tempo, soluções coletivas podem ser encontradas com base na aprendizagem dos textos e da experiência pessoal. O processo de reflexão de um diálogo profundo permite que os professores desenvolvam progressivamente o conhecimento e tornem o seu trabalho mais significativo.

Exemplo de uma Tertúlia Pedagógica Dialógica no CEP em Sevilha

“Nós lemos Freire, Flecha, Vygotsky, Bruner, Touraine, Apple e outros autores que, provavelmente, não teríamos lido sozinhos. Partilhámos diferentes visões das mesmas leituras; mas o mais importante foi descobrir o poderoso carácter formativo do encontro social através da reflexão teórica e prática, partilhadas. As Tertúlias Pedagógicas Dialógicas são um instrumento de transformação social e pessoal”

López, G. & Nogales, F. (2012). Formadores para transformar. El origen de las Comunidades en Sevilla. Suplemento *Escuela*. 1, 6-7.

Além de pesquisar e de se envolver em notícias e discussões sobre Comunidades de Aprendizagem apenas na internet, é aconselhável fazer novas análises e recorrer a materiais recentes, contribuindo para o desenvolvimento de mais conhecimento, ampliando o debate, partilhando as experiências que já foram realizadas, com outras escolas e outros profissionais.

É essencial que se faça um esforço para transmitir de forma coerente e consistente os valores que os alunos devem manter. Os valores não são ensinados numa aula sobre valores, mas em todos os momentos do dia-a-dia e em todos os espaços da vida profissional. Ainda melhor seria continuar a prática desses valores na vida comunitária, mantendo, em todos os momentos, valores como o respeito, a escuta, a amizade, a solidariedade, a igualdade e a liberdade. Esta é a melhor educação de valores que podemos oferecer e, também, uma formação profissional contínua para melhorar o modo de ser e exercer o importante papel de ser professor.

Para aprofundar

Flecha, R., (Ed.) (2015). *Successful Educational Actions for Inclusion and Social Cohesion in Europe*. Berlin: Springer.

9.3 Bibliografia

Freire, P. (1998). *Teachers as cultural workers: letters to those who dare teach*. Boulder, CO: Westview Press.

Garcia, L., & Ríos, O. (2014) Participation and family education in school: Successful educational actions, *Studies in the Education of Adults*, 46 (2), 177-191.

INCLUD-ED Consortium (2009). *Actions for success in schools in Europe*. Brussels: European Commission.

Racionero, S., Ortega, S., García, R., & Flecha, R. (2012). *Aprendiendo contigo [Learning together]*. Barcelona: Hipatia.

Flecha, R., & Soler, M. (2014). Communicative Methodology: Successful actions and dialogic democracy. *Current Sociology*, 62 (2), 232-242.